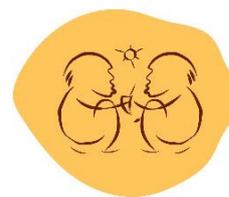


Saudades do Futuro



Pedro de Alcântara Figueira¹

Vamos deixar o passado passar. O capitalismo não se presta mais à realização de relações propriamente humanas. As relações sociais não se reproduzem mais sob a forma capitalista. Não fora assim, e não teríamos paraísos do que quer que seja. Não consta que paraíso seja um termo adequado para designar um local destinado a roubar a vida a bilhões de seres humanos.

A discussão a respeito da licitude ou não dessa forma de destinação do dinheiro é vazia de conteúdo real. Meu ponto de partida, que felizmente não é coisa particular minha, é o socialismo, e talvez já possamos falar de comunismo, pois o avanço das novas forças produtivas muito provavelmente não obedecerá a transições lentas. A potência tecnológica e científica de que a humanidade já pode dispor, na dependência da tomada do poder político, não cabe nos estreitos limites dos interesses privados.

O mundo que se anuncia não nasce das boas intenções, das boas ideias ou de ideias geniais de quem quer que seja, mas resulta pura e simplesmente de ações humanas que não encontram guarida no mundo existente. Ele é, portanto, novo e sua razão de existir já em potencial não se deve senão ao esgotamento de relações cujo arcaísmo se manifesta em formas as mais variadas de autodestruição. Uma dessas formas são os "esconderijos" fiscais.

Podemos utilizar um método muito simples para descobrir os motivos pelos quais o dinheiro passou a seguir uma rota estranha à sua natureza de capital. A história é esse método. É o seguinte: quando, em certa época, alguém recebia em herança um determinado montante de riqueza, a ideia de aumentar esse montante logo lhe subia à cabeça. Vamos dizer que essa "certa época" foi registrada pelo livro **Profits without Production**, do americano Seymour Melman, que é de 1983. A tendência que então já

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

podia dar título a um livro tem início, como o próprio autor nos informa, por volta da década de 60 do século passado.

Portanto, o que parece ser evidente é que uma época de "fazer, conservar e aumentar fazenda", como afirma Antonil, tinha deixado de ser o ciclo natural de reprodução do dinheiro na sociedade capitalista.

Resta, evidentemente, dizer o por que.

A questão que ora se apresenta a olhos vistos, mesmo dos que não querem ver, não tem nada de casual ou de decisão particular desse ou daquele rico ou "podre de rico", como diz Cattani (2017) no título de seu próprio livro, até porque os Pandora Papers se somam a outras revelações que têm sido feitas nos últimos tempos. Os personagens dessa história de destruição se encontram no topo do poder econômico e político das chamadas democracias. O caso de encontrarmos entre esses personagens Ministros da Economia, presidentes de Bancos Centrais, à primeira vista algo inconcebível, pode, no entanto, por isso mesmo, nos ajudar a entender a natureza profunda desse fenômeno mundial.

Como dissemos, não se trata de acontecimento fortuito essa destinação do dinheiro, mas podemos afirmar que ela se encontra na própria natureza da acumulação capitalista a partir do momento, detectado por Marx n'**O Capital**, Livro I, em que a taxa de lucro entra em contradição com a reprodução da riqueza em sua forma especificamente capitalista.

Como se fazer, então, a análise da sociedade capitalista? Marx a realiza com o olho no socialismo, o qual se prenunciava então como necessária superação dos impedimentos presentes ao desenvolvimento livre das forças produtivas. Entre a primeira edição da obra de Marx, 1867, e a Revolução Soviética, transcorreram precisamente meio século.

O que importa assinalar, em primeiro lugar, é que por volta da década de oitenta do século dezenove já é possível "prever" a aproximação de uma tempestade que se forma no horizonte do mundo imperialista. Nada mais, nada menos do que a primeira guerra mundial. Entre as "causas" desse confronto bélico, a presença da tendência declinante da taxa de lucro tem um papel a ser estudado. Os monopólios que então nasciam e que açambarcaram as relações de produção refletem essa tendência, inerente ao modo de produção capitalista nesta fase em que o desenvolvimento tecnológico realiza um verdadeiro assalto às hostes conservadoras.

Portanto, o que estamos presenciando não passa de uma liquidação sistemática de riquezas, calculadas atualmente num montante de aproximadamente 30 trilhões de

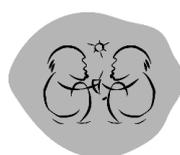
dólares, atolados irremediavelmente num lamaçal de dinheiro inútil. Esta situação nada tem de surpreendente, mas, ao contrário, tem tudo a ver com a própria natureza desse sistema econômico que é o capitalismo.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I.

MELMAN, Seymour. **Profits without Production**, New York: Alfred A. Knopf. 1983.

CATTANI, Antonio David. **Ricos, Podres de Ricos**. 2.ed. Porto Alegre: Marcavisual; Tomo Editorial, 2017.



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br